

TRABALHO: CONFECÇÕES
DE MULHERES SE
FAZ UMA
FÁBRICA

TRABALHO:
CONFECÇÕES
DE MULHERES
SE FAZ
UMA FÁBRICA

CONVERSA COM CINCO TRABALHADORAS: Ricardina Maria, Ode-te Magalhães, Alice Baptista, Rosa Passão e Eugénia Cunha.

Para além da Calçada de Carriche fica esta fábrica. Em Odivelas trabalham estas mulheres: fazem os produtos «M.S.», que as lojas «M.S.» se encarregarão depois de vender por várias bandas (oito, dizem-me) da grande cidade. Operárias de confecções «à moda», as suas figuras não arremedam os modos dos figurinos que nas montras expõem o que das mãos delas saiu.

O DIA

A.B. — Levanto-me aí às seis, seis e meia. Dou de comer às meninas, trato delas, deito-as outra vez, arranjo-me, a minha mãe chega aí às dez para as oito; durante o dia ficam com a minha mãe, que já tem bastante idade. À hora do almoço lá faço qualquer coisinha de costura para as minhas filhas. Depois do trabalho venho para casa a correr para ir pôr as coisas no sítio, arrumar, tratar delas, pô-las a dormir, lavar as fraldas, pôr tudo em ordem para o outro dia. Depois é que ainda vou escrever para o meu marido, que é o único tempo que tenho.

Horário de trabalho na fábrica: nove horas e meia.

A.B. — Aos sábados é para a casa. Aos domingos é também para a casa. Segunda-feira chega-se depressa, lá se vai para o trabalho a correr, dorme-se a correr, é tudo a correr.

TRABALHOS DE MULHERES E TRABALHOS DE HOMENS

A fábrica emprega cerca de 170 mulheres e uns dez homens. Explicação?

E.C. — Bem, à uma talvez o trabalho seja mais dedicado à mulher que ao homem; basta ser confecção... Há homens como chefes de linha, os chefes, não é, que são dois; e há os controladores, que isso é que é feito por homens.

— Portanto, trabalhos mais bem pagos.

E.C. — Sim, muito mais bem pagos que nós, nem se compara.

COSTUREIRA EXTERNA

E.C. — Eu tenho oito anos de costureira externa. Depois um director que lá estava acabou com as costureiras externas, diz que não lhe davam resultado. Não tinha regalias nenhuma: nem férias, nem reforma, nada. Estou há ano e meio como interna e só tenho oito das de férias, com quatro de subsídio.

— Quais eram as condições de trabalho como costureira externa?

Continua na página seguinte

Continuação da primeira página

E.C. — Era quanto mais fizesse... As calças pagavam-nas a 20\$00, os vestidos de 35\$00 a 50\$00...

— Para si houve alguma conveniência em passar a interna?

E.C. — Não, basta que já estou numa idade avançada, sempre habituada a trabalhar na minha casa, custou-me, chorei bastantes lágrimas para ir trabalhar para a empresa. Deram-me 74\$00 por dia.

«SUBVENÇÃO»: 600\$00 PARA 3 PESSOAS NÃO CHEGAM A VIR

A.B. — Gostava de contar o meu caso. Eu sou casada, tenho duas filhas, uma delas o meu marido não conhece; os meus pais como disse já têm muita idade. O meu marido está na tropa em Moçambique, deixou uma pensão de 750\$00, não podia deixar mais, ele lá também tem de comer, que é assim mesmo, e ganha um conto e tal. Quando ele foi para fora fui entregar uns papéis que ele me tinha cá deixado, por causa da subvenção. Passado muito tempo recebi uma carta a dizer que me davam vinte escudos por dia para nós as três. Fui lá e eles disseram-me que eu não podia trabalhar, porque se estivesse a trabalhar não podia receber os 600\$00 por mês. Eu estava a trabalhar, mas disse que não estava, para ver se conseguia esses 600\$00, e que os meus pais me estavam a sustentar e às minhas filhas, como é verdade.

— Vive com os seus pais?

A.B. — Vivo com as minhas filhas numa casinha que tem só um quarto e uma cozinha, não tem casa de banho, só tem uma pia pequenina, não tem lava-louça, não tenho nada dessas coisas. Pago 550\$00. Água e luz, qualquer coisa que é precisa... O meu marido

Por Leonor Martinho Simões

já lá está há dezanove meses para vinte e ainda não recebi um tostão da subvenção. Nada de nada.

17 ANOS: A PRENSA TERMO-COLADORA

R.M. — Desde os 14 anos que trabalho. Primeiro foi numa fábrica de malas, ganhava 25\$00, depois numa de botões, ganhava o mesmo, mas ao fim de um ano aumentaram-me. Vivo sozinha com a minha mãe, que é viúva, e um irmão, que é paralítico. Sou só eu que ganho. O meu trabalho é numa prensa termocoladora. E pegar as entretelas ao tecido.

— *Isso é um trabalho leve?*

R.M. — E muito cansativo, trabalhamos o dia inteiro

de pé, apanhamos muito calor, porque aquilo liberta vapor, cansamos muito a vista, faz-nos doer a cabeça, por causa de ter de fixar a vista, e as pernas, quando chega o fim do dia.

19 ANOS: SUSTENTAR A FAMÍLIA

O.M. — Vim para Lisboa aos treze anos, servir. Depois os meus pais vieram para cá e fui trabalhar para um cabeleireiro. Pedi aos meus pais para ir estudar à noite, mas eles disseram-me que não havia possibilidades. Agora o meu pai morreu, andava a trabalhar nas obras, caiu de um sexto andar, mas a minha mãe ainda não recebe pensão nenhuma. O dinheiro que eu ganho é para sustentar a família, a minha mãe e o meu irmão que é doente e dizem que não tem cura.

NO FIM DO TRABALHO

— *Quando acabam o trabalho, ainda apetece fazer alguma coisa? E o que apetece, podem fazer?*

R.M. — Ajudo a minha mãe em casa, ela passa o dia a tratar do meu irmão, e eu tenho de a ajudar. Bem me apetecia descansar, porque venho muito cansada, principalmente das pernas.

— *E aos domingos?*

R.M. — Aos domingos saio umas vezes pelas outras, mas a minha mãe não pode sair comigo por causa do meu irmão, então gosta de que eu ande sozinha. Às vezes vou um bocadinho ao jardim, lá uma vez ao cinema...

O.M. — Quando o meu pai era vivo ainda íamos às vezes a qualquer sítio, mas agora como estou de luto a minha mãe não me deixa sair. Aos domingos, quando não estou a ajudar a minha mãe na lida da casa, faço renda.

LER

O.M. — Gosto muito de ler os livros da escola: o de História, o de Ciências... Gosto muito de estudar

R.M. — Eu leio pouco, não gosto de ler. Entretenho-me a escrever para primos e cunhados que tenho no Ultramar.

A.B. — Ler, só as cartas do meu marido. Isso é que leio bastante. Assim livros não.

E.C. — Eu gosto de obras boas, até porque tenho uma pequena biblioteca. Livros que já tenho há bastantes anos, que já li, e agora torno a ler novamente.

CINEMA E TEATRO

(Cinema, em Odivelas, há às terças, sábados e domingos).

R. M. — Eu gosto de todos os filmes. Não tenho escolha

R. P. — Não tenho disposição. Tenho muitos problemas a preocuparem-me. Percebo que é uma coisa que nos educa bastante. Mas não tenho vagar e às vezes nem sequer tenho paciência. E depois quando vejo não sei apreciar como devia. Não estou habituada a ver.

E. C. — Onde é que se ganha pró cinema e pró teatro? Não se ganha para isso.

SALÁRIOS

Até ao mês passado os salários iam dos 30 e tal escudos por dia «das miúdas», aos 45\$00 das aprendizas, aos 62\$40 e aos setenta e pouco das costureiras (salários líquidos).

Foi este um dos objectos das reivindicações apresentadas pelas trabalhadoras ao patrão. Como a resposta não viesse, a maioria decidiu a entrar em greve, fez-se a greve; greve de apenas um dia, que viu alcançadas algumas das mais que justas pretensões das operárias.

E. C. — O patrão concordou com as nossas reivindicações. Diz que já estava pensando no assunto, mas nós nunca vimos esse assunto. Tivemos de fomentar a greve para ver realizado um pouco dos nossos anseios.

Os salários ficaram assim: costureira de 1.ª 150\$00, de 2.ª 130\$00; praticantes, 100\$00; aprendizas há dois anos, 80\$00, e há um ano, 60\$00. (Destes salários serão ainda deduzidos os descontos).

O patrão comprometeu-se a «dar» tudo o que venha a ser estabelecido no C. C. T., com efeito retroactivo a partir de 1 de Maio.

(Com os ajustamentos que fez, mantém boa parte das trabalhadoras abaixo do recém-fixado salário mínimo nacional...)

GREVE

— *Como se processou a resolução de entrar em greve e a greve?*

R. P. — Nós fomos a uma primeira reunião do sindicato em que todas as empresas resolveram pedir de imediato um aumento geral de salários de 1500\$00. Aquilo foi a primeira vez que as mulheres foram ao sindicato, ninguém estava habituado. Mas ficou formada uma comissão. Na segunda reunião já se tinha elabora-

do uma lista de reivindicações: 40 horas de trabalho por semana, um mês de férias e um mês de subsídio, ordenado mínimo de 4000\$00, mas, para já, um aumento gijral de 1500\$00. As minhas colegas pensaram em vir de lá e fazer greve. Eu, por alguma experiência que tenho pensei que chegássemos e falássemos aos patrões, que lhes disséssemos o que é que queríamos. Mas as pessoas estavam decididas a ir para a greve, se a resposta tardasse ou se fosse não. Quando falámos com ele, ele disse que era completamente impossível que de maneira nenhuma, não tinha dinheiro para isso. As moças pararam.

AS FÉRIAS

Um dos pontos que as trabalhadoras da M. S. reivindicavam era o de um mês de férias e um mês de subsídio, que não foi satisfeito. Férias que nesta empresa são assim distribuídas:

A quem tenha mais de 6 meses de casa, e até aos 2 anos: 8 dias, com 4 de subsídio;

mais de 2 anos de casa: 12 dias;

mais de 5 anos de casa; 15 dias e 8 de subsídio de férias.

(Entre parêntesis, foque-se a «protecção» à juventude: dos 16 aos 18 anos tem-se direito a 12 dias de férias; O. M., que já tem 19, só tem direito a 8).

CONTAS DE PATRÃO

R. P. — Quando eu entrei, disseram-me assim: «Agora para já vem ganhar 62\$40, e tem pequeno-almoço e lanche de graça (que era um copo de café com leite e um pão com manteiga), tem o almoço de graça (que era uma sopa, uma peça de fruta e uma carcaça), e uma coisa muito especial desta empresa, que é o cabeleireiro. Quando depois a gente lá ia falar de aumentos, diziam: «A senhora, que eu saiba, até está a ganhar um bom ordenado. A sra. tem 2\$50 de pequeno-almoço, 2\$50 de lanche, 5\$00 de cabeleireiro, 5\$00 de sopa... Soma tanto». Já não sei quanto é que soma; junto com os 60\$00, já ficava um grande ordenado. Agora retiraram essas coisas. Aumentaram os ordenados, mas se quisermos comer alguma coisa da empresa temos de pagar.

CABELEIREIRO. SIM: CRECHE NÃO

— Um cabeleireiro, numa fábrica?

R. P. — Eu penso que será para as empregadas andarem mais contentes, mais satisfeitas, porque andam muito penteadinhas.

E. C. — E para trazer as pessoas entretidas, adormecê-las um bocado. Mas o indispensável não era o cabeleireiro, era a creche.

Há cabeleireiro, mas não creche, porque, se era importante, era uma despesa real. São cerca de 40 crianças pequenas filhas de trabalhadoras da «M. S.». As mães deixam-nas em amas, a quem entregam grande parte do seu próprio ordenado, ou deixam-nos com as avós. A creche era uma das reivindicações mais importantes que foram apresentadas aos patrões; mereceu-lhes uma promessa que a comissão eleita procura tornar realidade.

«GRANDES IDEIAS POLÍTICAS»

R. P. — Foi o próprio patrão a dizer-nos que nos havíamos de organizar nos sindicatos, que havíamos de lutar pelos nossos interesses, que ele estava disposto a fazer o que pudesse, que até aqui não fazia porque o Governo não o deixava, porque ele até tinha umas grandes ideias políticas, e tanto ele como os colaboradores dele, os gerentes da empresa.

«NÓS NÃO ESTAMOS CONTRA VOCÊS»

R. P. — Ele dizia: «Se quiserem fazer greve, façam». E até nem ficou espantado, e dizia: «Nós não estamos contra vocês nem estamos admirados, porque nós sabíamos que mais tarde ou mais cedo isto vinha a acontecer. O que dizemos é isto: «Nós neste momento não podemos pagar mais». E nós dizíamos-lhe: «Então se o sr. Mário diz que daqui a um mês ou dois, quando sair o contrato, já pode pagar, se o sr. pagasse agora, este problema ficava resolvido para nós todos». E ele dizia que nós tínhamos de compreender. Se ele aumentasse os ordenados as outras empresas também tinham de aumentar, ou se não aumentassem, ele, às outras casas a que hoje faz concorrência com os artigos que vende, não poderia fazer, visto que se aumentava os ordenados tinha de aumentar os preços, claro que não podia diminuir os lucros dele, não é, (caso os tenha, como eles dizem que não têm). E, é claro, as outras empresas ele vendia menos, descia a produção, e depois não precisava das pessoas e teria de fechar a casa, e ele não queria fazer isso.

PATRÕES «ACESSÍVEIS ÀS MUDANÇAS»

R.P. — Neste momento até os pides são bons, e todos nunca fizeram mal nenhum a ninguém. Por isso não me admiro nada que ele diga que até os ajudantes dele, os gerentes da fábrica, vieram para ali trabalhar, nem pelo ganho que vieram ganhar, que me parece que é de 45 ou 50 contos, mas sim pelas suas ideias democratas se unirem às do patrão. Diz que sempre

foram acessíveis às mudanças, e então como isto tinha mudado eles também iriam acompanhando a mudança *na medida do possível*.

I RELAÇÕES PATRÕES - OPERÁRIAS

F«))

A. B. — Ah, eles poucas conversas têm. Nós também temos poucas conversas com eles, a não ser trabalho. Se a gente se distrai a falar com uma colega, e o vemos, pronto, já se sabe que ralha. Agora quando foi isto do aumento um dos chefes disse que nós ganhávamos 3 contos, sim mas era à esquina de um prédio.

GOSTAM DE TRABALHAR?

E.C. — *Trabalhar, mas ser compensada não roubada.*

R. M. — Se a minha mãe pudesse, gostava de ficar em casa.

R. P. — Eu acho que todos devíamos trabalhar. Por haver tão poucas a trabalhar é que nós as que trabalham temos de trabalhar tanto. O que é, era o trabalho ser em nosso proveito, ganharmos o suficiente.

CONTROLO

— *A cham que há mais coisas para dizer?*



A. B. — Há uma coisa: Se nós precisamos de ir à casa de banho, temos de ir pedir ao chefe. E controlam o tempo que a gente gasta na casa de banho.

— *Existe um controlo da produção de cada uma?*

E. C. — Assenta-se a hora em que se começa o trabalho; se é preciso parar para ir para outra máquina, assenta-se que parou e nesse horário começou noutra. Depois faz-se a contagem total do tempo que levamos. É muito cansativo.

Nove horas e meia de trabalho (sob controlo) na fábrica. O resto, trabalho em casa, com um sono dormido a correr. Todas as preocupações presentes, privações conhecidas. Manhã cedo e à noitinha, Luíças sobem que sobem, sobem que sobem, sobem a calçada.

De mulheres se faz uma fábrica. De suas mãos se alimentam descansos.